

Elxs gostam de tudo: Pensando um sexo descentralizado e sem roteiros

**Clara Cazarini
Trotta**

10º período,
UFMG.
claracazarini@
gmail.com

**Nathália Ferreira
Guimarães**

7º período,
UFMG.
nathaliaferreira@
hotmail.com

Granduandas em
Ciências Sociais
pela Universi-
dade Federal
de Minas Gerais
(UFMG)”

RESUMO: Este artigo tem como objetivo desconstruir as ideias socialmente construídas do sexo heteronormativo. Assim, desejamos problematizar a questão da genitalização das relações sexuais através de uma análise dos relatos de um blog que se tornou muito polêmico na internet, por tratar de assuntos ligados à sexualidade de uma maneira não convencional. Dessa forma, usamos um arcabouço teórico dos estudos de gênero, e com um viés feminista.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade; Contrassexualidade; Sexo

ABSTRACT: This article aims to deconstruct the social constructed ideas of the heteronormative sex. Thus, we want to problematize the genitalization of the sexual relations through an analysis of a blog's narratives that became polemic in the internet, because it talks about sexuality issues in a non-conventional way. Therefore we use a theoretical framework of the gender studies, with a feminist bias.

KEY-WORDS: Sexuality; Countersexuality; Sex

Introdução

Em 2011 a blogueira que se identificava pelo nome de Letícia Fernandez se propôs um desafio: transar com 100 homens em um ano. Para relatar essas experiências a mesma escreveu um livro, e criou um blog, ambos intitulados *100 homens*. Em seu blog, a autora não relata somente suas experiências sexuais nesse ano, mas também usa esse espaço para fazer reflexões sobre sexualidade, corpo, feminismo e questões de gênero.

Esse trabalho se propõe a analisar alguns relatos postados a partir de um viés feminista. Usaremos teorias sobre sexualidade da obra de Michel Foucault, e de Beatriz Preciado, em diálogo com um arcabouço teórico de relações gênero e teoria *queer*.

Como Foucault analisa narrativas para entender o poder e como ele se dá, usaremos da análise desses discursos sobre o sexo para buscar uma resistência a heteronormia, e as determinações de gênero. O objetivo do trabalho é mostrar como na prática há resistência às normas disciplinadoras da sexualidade, através do discurso apresentado no blog.

O biopoder e a contrassexualidade

O filósofo francês Michel Foucault, em seus três livros sobre a *História da Sexualidade*, analisa como se constituiu o discurso sobre a sexualidade. O primeiro volume dessa obra, *A vontade de Saber*, seria uma continuação na reflexão que o

autor já vinha fazendo em *Vigiar e Punir* sobre o poder. Contudo, ele passa a vê-lo de maneira diferente, como um biopoder e não mais como algo ligado a punição através da disciplina e da ordem.

No livro *História da Sexualidade I – A vontade de saber*, Michel Foucault irá refutar a ideia da hipótese repressiva, que seria a interdição do discurso sobre o sexo iniciada no período vitoriano. Esse discurso seria algo reprimido socialmente, com valor negativo, e acabou sendo reduzido a lugares como confessionalário, a loucura, a prostituição, os divãs.

Na obra¹, existe o questionamento de quem fala, como fala, como se deu esse discurso, também quem detém o conhecimento sobre a sexualidade e porque existiria tanta ênfase em se afirmar que existe uma repressão da sexualidade. Para pensar sobre isso, o autor irá então usar o discurso como objeto de sua análise, e não as práticas, por isso o filósofo não se preocupará em estudar a repressão em si, irá buscar entender o porque se diz com tanta paixão que se é reprimido (FOUCAULT, 1999, p. 14).

A repressão está nas relações de poder, não se encontra em um centro verticalizado, ou em instituições, é a partir das interações que o poder se dá. Ele não seria algo que poderia ser detido, e nem mesmo existe uma oposição entre repressor e reprimido, ele está no feixe de relações. O poder não é pessoal, centralizado, ele é fluido e está inserido em uma rede. A resistência à ele está intrínseca as relações de poder, assim como o poder, a resistência está pulverizada em vários pontos diferentes.

Determinadas formas de pensar o sexo criam várias formas de saber sobre ele. Poder para Fou-

¹ FOUCAULT, Michel. (1999), *História da sexualidade (Vol. I: A vontade de saber)*. Rio de Janeiro: Graal – Capítulo I – Nós Vitorianos & II – A hipótese repressiva.

cault seria a possibilidade de se agir sobre a ação do outro. A psicanálise vai pensar o poder como uma lei, como repressão, que seria uma lei constitutiva do desejo. Para o autor não se deve procurar a origem do poder, ele procura entender como essa concepção do poder como algo centralizado foi concebida. Deve reconhecer a agencialidade dos sujeitos, tanto do que exerce o poder quanto sobre aquele que é exercido em uma relação, e ela pode ser tanto intencional ou subjetiva.

O autor falará sobre a *scientia sexualis*, que seria a matriz de produção do discurso sobre o sexo, em que a confissão encontra-se no centro desse discurso. O mesmo não oculta, como se pensa, o sexo, e sim o coloca no discurso de várias maneiras. A confissão irá materializar a intenção criada, o desejo íntimo passa a ser real, e agora ele está passível de ser punido. E assim, tanto o sexo, quanto o discurso produzido sobre o mesmo estão ligados ao poder. Assim, buscando entender quais os mecanismos de fazer o sexo falar.

O autor irá pensar em como nasceu o poder/saber sobre o sexo. No início a burguesia usava o sexo como uma ferramenta de autoafirmação, no capítulo *Nós, Vitorianos* (FOUCAULT, 1999), será traçado o caminho da sexualidade que não procurava subterfúgios, para uma interdição, “no século XIII o sexo se torna questão de “política” (FOUCAULT, 1999, p. 27). O filósofo irá trazer a ideia de dispositivo como tipo de formação em determinado período histórico que irá responder a algo, como uma estratégia, contudo uma estratégia sem estrategista.

A sexualidade passa a pertencer à família, a relação heterossexual é feita apenas para a reprodução. Do dispositivo de aliança, sistema de matrimônio e parentesco, passa para o dispositivo de sexualidade. E a fixação da sexualidade na família irá mudar a configuração da mesma como era antes, e essa passará a ser o lugar do afeto e do amor.

Existe um período de transição, a vida que era antes um direito que o soberano tinha sobre seus súditos, passa a ser um valor que deve ser protegido. Os soberanos podiam matar ou deixar viver, agora o Estado passa a ser responsável pela manutenção da vida, e de políticas para garanti-la.

É sobre a vida que o poder irá se estabelecendo. O poder sobre a vida se desenvolveu a partir de dois pontos, no século XVII, eles não se opõem, inclusive tem uma ligação: o corpo como máquina, que seria o adestramento anatomo-político, e o corpo espécie, processos para controles regulatórios, biopolítica da população (proliferação, nascimento e longevidade).

O poder sobre a vida se desenvolveu, então, em torno desses dois pólos: as disciplinas do corpo e as regulações da população, ele não mais mata, agora ele investe na vida. Inicia-se a era do biopoder.

Um discurso procurou estabelecer esses dois pontos, e assim foram criados dispositivos que, no século XIX, irão ser responsáveis por colocar esse poder em prática. E dentre eles, o dispositivo de sexualidade é um dos mais importantes. O biopoder foi um elemento essencial para o capitalismo, foi inserido em várias instâncias e discursos, estando presente em várias instituições.

Pensa-se na moral ascética como algo necessário para o desenvolvimento do capitalismo, con-

tudo a vida, o corpo e a política construída sobre ele foram também essenciais para que o sistema se desenvolvesse como tal.

Agora existe uma política focada no corpo e na vida, o acesso ao corpo é legitimado para o poder que deve, então, se encarregar da vida. Políticas surgem sobre saúde, corpo, condições de vida e a lei é utilizada como ferramenta do biopoder, a lei irá se tornando norma, sendo usada de maneira reguladora. As leis seriam maneiras de tornar aceitável um poder fundamentalmente normalizador, e a resistência a esse poder baseia-se na própria vida, entendida como um direito e uma necessidade essenciais ao ser humano.

O sexo se torna interseção entre os dois pólos, os quais a tecnologia política se desenvolveu. Tanto por ser instrumento de adestramento do corpo, como de regulação da população. O sexo tornou-se essencial na constituição da individualidade. Quando se trata de uma sociedade do sexo, mecanismos de poder se dirigem ao corpo e a vida. O poder irá usar o discurso da sexualidade para a sexualidade, e o autor vai tentar compreender o porquê ela está sendo sempre suscitada. Ela está ligada as normas, ao discurso, as disciplinas, a vida.

Passa-se de um registro do sexo-desejo para o corpo prazer. O autor irá falar dessa transição em seus dois próximos livros, *O uso dos prazeres*, abordará a questão do sexo-desejo grego, e no *Cuidado de si*, analisa um período de transição, olhando a partir do período Helênico.

A autora espanhola Beatriz Preciado, em seu livro *Manifesto Contrassexual*, apresentará a ideia da contrassexualidade: fim de uma ordem natural que sujeita os corpos. A autora irá analisar a diferença de sexo e gênero, como produtos da heteronormatividade em que as performatividades normativas são inseridas nos corpos como verdades biológicas. Busca um rompimento com as categorias e identidades binárias socialmente construídas e há uma desnaturalização das práticas sexuais e da diferença sexual. Contrassexualidade não visa à igualdade entre os corpos, mas sim a equidade.

Esse manifesto propõe substituir o que se denomina natural, ao invés de masculino e feminino, passar a reconhecer corpos, seus e de outros, em uma relação de alteridade. Ao invés de existir uma política identitária que segrega os corpos entre masculino e feminino, a autora propõe que todos sejam reconhecidos como corpos, sem uma sujeição de categorias hierarquizantes. Apesar dos corpos serem divididos entre masculinos e femininos, podemos ou devemos vê-los como corpos, pois os mesmos podem exercer o que é pertencente a cada gênero, ou seja, não se fechando em categorias, e podendo exercer o que se encontra fora dessas normas.

Preciado constrói a noção de contrassexualidade inspirada na ideia de *resistência* presente obra de Michael Foucault, ambos autores terão uma compreensão de sexo ligada a biopolítica. A resistência citada acima é em relação aos mecanismos de controle e construção da sexualidade, ela seria possível através da prática de relações sexuais contrárias àquelas hegemônicas impostas pelos dispositivos da sexualidade da modernidade, e pelo biopoder como sendo corretas e desejáveis, ou seja, através de uma “contradição sexual”.



Deve-se não só negar e renunciar uma identidade sexual fechada e determinada como natural, mas também os benefícios que poderiam ser adquiridos vindos de uma naturalização dos efeitos sociais, econômicos e jurídicos dessas práticas significantes.

As tecnologias sócio-políticas além de territorializarem os corpos atribuem funções específicas aos órgãos: a vagina e o pênis se transformam em órgãos sexuais por excelência porque são necessários a reprodução. Enquanto outras partes do corpo são subjugadas no sexo como ânus, que é um órgão erógeno e universal, contudo é considerado sujo, intocável já que foi construído como sendo sua função apenas a excreção². A contrassexualidade é o oposto, pois visa a sexualização do corpo todo, compreendendo que não são apenas os órgãos determinados pela cultura como sexuais que podem ser fonte de prazer. Nesse sentido, a autora afirma: “La arquitectura corporal es política” (PRECIADO, 2002, p. 23).

Dessa forma, a contrassexualidade irá contra a noção de ordem simbólica universal, pois refutará a hierarquização que sujeita e divide os corpos entre masculino e feminino, a partir de uma heteronorma. Assim rompendo com um sistema simbólico tido como natural que torna as tecnologias sexuais fixas e imutáveis.

A autora francesa Monique Wittig, também é muito importante para se pensar formas de resistências, pois trabalha com a ideia de um sexo não falocêntrico, ao abordar a questão das lésbicas. Seu trabalho discorre sobre a heteronormatividade compulsória, o pensamento hétero se instituirá como discurso hegemônico em que a mente hétero condiciona o pensamento e a linguagem³ de forma a nos limitar a realizar práticas sexuais que não são genitalizadas e focadas na reprodução.

Percebemos, então, que a obra de Preciado vem a atualizar a ideia de biopolítica trazida por Foucault, discutindo a questão das tecnologias sexuais que irão normatizar os corpos a partir de uma norma heterossexista. Essa norma se materializa no pensamento e prática hétero, como apresentados por Wittig, centrados na reprodução, e por isso nas genitálias trazendo um aspecto falocêntrico.

Blog Cem Homens

De acordo com as teorias apresentadas no decorrer deste texto, temos o objetivo de mostrar as formas de resistência sexuais presentes nos relatos do blog *Cem Homens*, focando no aspecto da desfalocentrização do sexo e das genitálias nas relações sexuais. Mostrando que o sexo não é só o ato em si, e que devemos, como diz a própria autora do blog, rasgar o roteiro.

Em um dos posts intitulado *Virgindade*, Letícia diz que mesmo tendo já várias publicações sobre o assunto, continua a receber muitos e-mails com questionamentos sobre o mesmo. Dessa forma resolve fazer esse texto para abordar o assunto⁴.

A valorização da virgindade surgiu, segundo Foucault em seu livro *O cuidado de si*, no período helênico. Na Roma antiga, a sexualidade irá se relegar ao lar, a questão da família. No discurso, existe agora uma questão da reciprocidade do marido

e da esposa, e a valorização da filia, uma amizade, entre os dois, o que se restringiria a apenas homens, na Grécia antiga. Por essa ideia, e por o sexo estar ligado idealmente ao ambiente doméstico, começa a surgir uma valorização da virgindade, o que será intensificado com a cristandade, que sacralizará essa relação.

A virgindade está diretamente ligada ao sexo heterossexual, pois ela só é perdida quando ocorre uma penetração de pênis na vagina, estourando o hímen. Mesmo se a mulher tiver outras práticas sexuais, e outros tipos de penetração (anal, dedos na vagina, sexo oral...), se não for uma penetração do pênis em uma vagina, sua virgindade continuará intacta.

“Deixemos de ser tão falocêntricos. Costumamos considerar a “primeira vez” só quando um pinto entra numa buceta, mas não é assim. Alguns pintos jamais entrarão em uma buceta, assim como algumas bucetas jamais serão penetradas por um pinto. Mas essas pessoas farão sexo. Só não desse jeito heteronormativo que a gente costuma pensar” (FERNANDEZ, 2012, disponível em um portal).

Assim, a autora trabalha como o ato sexual não precisa ser pensado como penetração. O foco no falo faz parte do pensamento heterossexual, o qual é problematizado por Wittig. Demonstrando como a prática sexual só é assim considerada quando um homem é o ativo penetrante da relação. Por isso, muitas vezes, o sexo entre duas mulheres não é considerado como tal.

A autora francesa, também chama atenção para a questão da lésbica, se a mulher é construída em uma oposição ao homem, então a lésbica por não estar em oposição e complementaridade com tal, não seria uma mulher (WITTIG, 1992, p. 32). E o sexo entre mulheres seria uma maneira de resistência, pensando-a como um mecanismo que subverte a norma dentro de seu sistema (ou seja, comportando é claro contradições).

No mesmo post, Letícia ressalva ao falar sobre pessoas que não estão conseguindo sentir prazer clitoriano: “por isso, tentar outros toques e outras posições, bem como usar apetrechos eróticos que façam o serviço sozinhos (há bullets capazes de coisas MUITO gostosas), pode ser uma ótima.” (FERNANDEZ, 2012). Vale ressaltar a recomendação que a autora faz de produtos eróticos, mostrando as interferências tecnológicas na relação e no corpo, corpo esse que se constrói tanto relações quanto no discurso, segundo Teresa De Lauretis, ele é produto e produtor de tecnologias sociais. E é trespassado por esses produtos artificiais que fazem parte dessas tecnologias que irão construir os corpos e a maneira como lidamos com eles.

Ainda trabalhando essa concepção das tecnologias constitutivas dos corpos e da sexualidade, existem outras maneiras de se buscar o prazer que não necessariamente envolvam parceiros⁵. Um exemplo está descrito no blog, com o título *Massagem tântrica: orgasmo sem beijo? Thanks but no, thanks*, onde a blogueira irá procurar atingir seu orgasmo com uma massagem tântrica.

Em um outro post na seção tabu, Letícia abre espaço para uma leitora expor sua experiência:

² Parafraseado da apresentação de Kênia Araújo no XI Enuds (Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual), em Matinhos, em outubro de 2013.

³ “In this thought, to reject the obligation of coitus and the institutions that this obligation has produced as necessary for the constitution of a society, is simply an impossibility, since to do this would mean to reject the possibility of the constitution of the other and to reject the “symbolic order”, to make the constitution of meaning impossible, without which no one can maintain an internal coherence.” (WITTIG, 1992, p. 28).

⁴ O endereço do blog é: <http://www.cemhomens.com/>.

⁵ Escolhemos por fazer o uso da linguagem inclusiva, usando o x para que uma palavra possa representar o gênero masculino, feminino e também os que não se enquadram nessa classificação.

“Nunca usamos strap on (aquilo que chamam de cintaralho), mas testamos outra coisa que foi bem legal e vende em qualquer sex shop: pênis de duas cabeças (não sei o nome daquilo). Esse brinquedinho serviu pra nós dois ao mesmo tempo: ambos sendo analmente penetrados e ele comendo minha buceta. Ainda não experimentei dupla penetração com dois homens, mas assim desse jeito que testei foi muito bom.

Nunca mais pratiquei inversão depois que terminamos e, nas poucas vezes em que arrisquei um fio terra o sujeito se ofendeu e começou a falar que isso é coisa de gay. Não acho que seja coisa de gay, é só mais uma forma de sentir prazer. Fisiologicamente, o homem sente prazer anal sim, só que a fisiologia não é socialmente aceita nem por homens e nem por mulheres. Continuo amiga desse ex e ele me disse que foi chamado de gay por mulheres com as quais quis fazer inversão e pelos amigos aos quais confessou gostar disso. O interessante é que de gay ele não tem nada e não sente nenhuma atração pelo mesmo sexo.” (LEITORA ANÔNIMA apud FERNANDEZ, 2011, disponível em um portal).

Não é por acaso que essa postagem se encontra na seção tabu já que o ânus é visto como um lugar sujo, intocável, não sexualizado. O sexo anal é uma prática não centralizada nos genitais, sendo assim é julgada de maneira pejorativa pela sociedade, principalmente por ser uma prática homossexual e não higienizada.

Essa prática é uma resistência, pois irá contra a ideia heterocompulsória de sexo. Inclusive, nesse caso a mulher rompe com o estereótipo passivo da mulher que “dá” enquanto o homem ativo “come”, já ambos, nesse caso “se comem”.

A leitora para entender a sua experiência justifica o prazer masculino no sexo anal usando a biologia como determinante. Por mais que não seja centrado nas genitálias, ele está mais uma vez legitimado pela biologia. Não se pode pensar em uma subversão da norma sem tentar enquadrá-la novamente. O sexo anal se passa mais aceitável porque existem indícios fisiológicos que dá prazer ao homem. Já no caso da podolatria, por exemplo, talvez não fosse tão aceitável, pois não há indícios de glândulas que garantem prazer nos pés.

Poderemos usar mais uma vez a ideia de Michel Foucault nesse caso, ao questionar quais seriam ou não os discursos que são socialmente aceitos para falar do sexo. Assim, podemos pensar em quais podem ser legítimos socialmente, e quais deveriam fazer parte dos divãs e confessionários, que surgiram a partir da época vitoriana para fazer o controle repressivo do mesmo.

Outra teórica que vem a contribuir muito na discussão dessas sexualidades dissidentes é a antropóloga Gayle Rubin (1984, p. 11-12) que mostra como apenas certas práticas sexuais são aceitas socialmente, e tudo que sai desse padrão acaba sendo hierarquizado de acordo com uma maior ou menor aceitação.

Na hierarquia das práticas sexuais, o “bom sexo” seria heterossexual, casado, monogâmico, reprodutivo e em casa. Qualquer prática que fugisse disso estaria em uma área de contestação, ou no que a autora chama de “mau sexo”. Esse texto foi escrito na primeira metade da década

de 80, atualmente algumas práticas são menos contestadas, contudo ainda se vê claramente a hierarquia e a repressão de muitas práticas sexuais.

Rubin comenta sobre a dificuldade de entender como uma prática sexual que dá prazer a alguém pode ser repulsiva para outre e, o contrário, como algo não aceito pode ser prazeroso. Até para os que estão fora do “bom sexo”, as outras práticas podem causar-lhes estranhamento. Os que não se veem encaixados no que é tido como normal e saudável também hierarquizam as outras formas que também escapam ao aceito.

Na hierarquia dos bons e maus sexos, os que não são hétero e nem seguem um modelo heterocentrado falocêntrico, acabam por se enquadrar no sexo ruim. Por isso, o sexo anal tanto masculino quanto feminino são vistos de forma negativa. O masculino carrega ainda o peso de estar relacionado, no imaginário social, ao sexo homossexual entre homens, por mais que a penetração possa ser feita por uma mulher, ele acaba assumindo o papel de passivo.

Michel Foucault aborda a questão do ativo e passivo ao se remeter a Grécia antiga. O ativo seria ligado ao masculino, ao viril, ao que possui controle de si, e por isso conhecimento. O passivo, que se relaciona ao feminino, liga-se ao excesso, ao frio, algo menor. O homem que assumia a postura de passivo era tido como feminino e por isso era subjugado (FOUCAULT, 1998 p. 45-46). No texto do blog, Letícia intitula-o como “Inversão”, pois a mulher está assumindo certo controle da situação, por mais que o homem esteja ao mesmo tempo penetrando-a, por isso é importante ver não só as rupturas que ocorreram no discurso, como diz Foucault, mas também as continuidades⁶ presentes até os dias de hoje.

O ato não é o sexo em si

“(…) que elas inventam novas possibilidades de prazer utilizando certas partes estranhas do corpo — erotizando o corpo. Eu acredito que temos uma forma de criação, de depósito de criatividade, dos quais a principal característica é o que chamo de dessexualização do prazer. A idéia de que o prazer físico provém sempre do prazer sexual e a idéia de que o prazer sexual é a base de todos os prazeres possíveis, tem, penso eu, verdadeiramente algo de falso.” (FOUCAULT, 2004, p. 264).

Na postagem *Ela gosta de tudo*, Letícia Fernandez materializa a ideia acima de Foucault, ao dizer que o que ela gosta no sexo é de tudo, e não só o ato sexual em si, mas o antes, o depois, a expectativa, o caminho, os cheiros e os sabores.

Beatriz Preciado, no *Manifesto Contrassexual*, traz a ideia de que o sexo é um lugar de construção da disseminação do poder, através de uma dominação sexual que reduz o corpo as zonas erógenas. O aparato sexual recorta órgãos e cria zonas de auto-sensibilidade, que vão criar separação (masculino e feminino). E essas zonas que irão determinar tipos específicos de orgasmos. Por isso a sexualidade não é algo natural, seria criada e instituída a partir das tecnologias que se reconstroem e reinstituem de forma constante.

⁶ “Não se trata de dizer: o poder, em sociedades como as nossas, é mais tolerante do que repressivo e a crítica que se faz da repressão pode, muito bem, assumir ares de ruptura, mas também parte de um processo muito mais antigo do que ela e, segundo o sentido em que se leia esse processo, aparecerá como um novo episódio na atenuação das interdições ou como forma mais artilosa ou mais discreta de poder.” (FOUCAULT, 1999, p. 16).

Então, uma das propostas contrassexuais da filósofa seria a de identificar os espaços errôneos, as falhas na estrutura desse discurso, que seriam os corpos não-normativos. Devem se criar novas escritas desse texto, pensar em formas de desestabilização, modificar as possibilidades. A norma deve ser usada de referência para desestabilizar ela mesma através das formas de resistência.

Como forma de resistir a isso também está a maneira como o sexo é visto, pensado, sentido e colocado em discurso. Não só os corpos não-normativos, mas também as sexualizações não-normativas devem servir como maneira de romper com esses sistemas. Exemplo disso é a forma como a autora do blog enxerga o sexo, e o apresenta nesse texto. Mostrando que o que ela gosta no sexo é toda a atmosfera que o envolve, sexualizando assim cada pequeno detalhe desse caminho ou momento.

"O que você mais gosta no sexo?, ela perguntou, olho no olho, mãos na barba meio castanha, meio ruiva, meio grisalha.

Sexo!, respondeu, sem titubear, enquanto entrelaçava as pernas nas dela.

Não, mas me diz uma coisa. Uma! Sei lá. Sexo oral? Ela sabe, ah, ela sabe como ele treme e respira ofegante.

É impossível separar as coisas. Eu gosto de tudo.

Ela ficou pensativa, como se estivesse olhando um espelho. Ou um papagaio, repetindo o que ela já diz há tanto tempo. Ela gosta de tudo. Ela gosta das escapadas na madrugada, o olhar do porteiro, os trinta quilômetros nas ruas desertas de São Paulo, a chuva que começa a cair quando entra na rua dele, o papo do taxista sobre bandeira 1 e bandeira 2, a tentativa de descer do carro de saia rodada sem mostrar que está sem calcinha. É, já.

Ela gosta do antes, do durante, do depois. Do durante, bom, nem sempre; ela é honesta. Nem sempre. Mas mesmo assim ela gosta de descobrir o xampu no box no dia seguinte, em geral só um, ao contrário dela, com uns quatro ou cinco – cabelos rebeldes, uso diário, brilho intenso(...) Ela gosta de tudo. Definitivamente." (FERNANDEZ, 2013, grifos da autora, disponível em um portal)

Conclusão

Existe uma lógica instaurada que regula corpos e vidas. O biopoder disciplina a sexualidade, a maneira como ela é pensada, falada e vivida. É a partir de uma heteronorma que somos construídos, contudo os sujeitos continuam com seu poder de agência, como Preciado afirma, os corpos mesmo submetidos a normas não são passivos, e por isso encarnam todas as contradições que não estão presentes no discurso, mas estão materializadas no cotidiano.

Michel Foucault ao fazer uma análise do discurso em suas três obras da *História da Sexualidade*⁷, irá analisar o dito e o não dito⁸, pois o poder sobre a sexualidade se manifesta no discurso e

no silêncio. Como a resistência é feita dentro das estratégias de poder, podemos pensar em vários discursos e práticas apresentadas nesse blog como formas de resistência, resistências essas que se encontram nas ações do dia-a-dia. Elas podem se encontrar tanto na realização de um sexo que se negue a fazer apenas a penetração convencional entre homem e mulher, quanto em valorizar toda a atmosfera que seria preliminar ao sexo em si, transformando-a em uma parte indissociável e tão gostosa do ato quanto todo o resto.

Dessa maneira, ao analisar o blog, percebemos as contradições do discurso assim como as resistências, as contrassexualidades presentes na vida de Leticia, que poderia ser qualquer pessoa. Percebemos assim que o sexo não precisa nem deve ser centralizado na genitália. E há muitas outras formas e tecnologias para se obter prazer, e por isso subverter as normas e as categorias sexuais.

Como Beatriz Preciado propõe uma contrassexualidade, Leticia a propõe de sua maneira:

"Rasgue o roteiro:

Este é o roteiro de uma relação sexual heterossexual:

Beijo na boca

Mãos nos corpos.

Tira a roupa.

Mãos nos corpos, agora buscando com mais veemência os órgãos sexuais como se, ao ficarem pelados, as zonas erógenas se resumissem a pintos, bucetas e mamilos.

Mãos nos genitais, com movimentos repetitivos, também conhecidos como masturbação.

Boca nos genitais. No caso da mulher fazendo o boquete, pode até demorar um pouco. No caso contrário, no entanto, geralmente se trata apenas de meia dúzia de lambidinhas para "lubrificar". Alguns não chegam nem a isso. Outros, mais "preocupados", se dedicam mesmo, e vão até o orgasmo da moça.

Passa-se à penetração.

E lá fica-se, até o fim.

O fim é o orgasmo. Do cara, em geral, já que 85% das mulheres não goza desse jeito.

Resumindo: rasgue o roteiro. Mude o script. Observe a sua parceira (ou parceiro). Busque novas coisas, novos carinhos, novos modos de chupar, beijar, lambe. Teste. Converse. Descubra. Seja feliz." (FERNANDEZ, 2013, disponível em um portal).

⁷ FOUCAULT, Michel. (1998), *História da sexualidade* (Vol. II: O uso dos prazeres). Rio de Janeiro: Graal.

FOUCAULT, Michel. (1999), *História da sexualidade* (Vol. I: A vontade de saber). Rio de Janeiro: Graal.

⁸ "O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam em sudas interdições; mas, também, afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras." (FOUCAULT, 1999, p. 96).

Referências Bibliográficas

DE LAURETIS, Teresa. (1994) "A tecnologia de gênero", in: H. B. Hollanda (org), *Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro, Rocco.

FERNANDES, Larissa. (2011), *Relato do leitor: Inversão*. Cem Homens. Disponível em: <<http://www.cemhomens.com/2011/08/relato-do-leitor-inversao/>>. Acesso em: 02/13/2013.

_____. (2012), *Quebrando paradigmas: virgindade*. Cem Homens. Disponível em: <<http://www.cemhomens.com/2012/11/quebrando-paradigmas-virgindade/>>. Acesso em: 02/13/2013.

_____. (2013a), *Ela gosta de tudo*. Cem Homens. Disponível em: <<http://www.cemhomens.com/2013/10/ela-gosta-de-tudo/>>. Acesso em: 02/13/2013.

_____. (2013b), *Massagem tântrica: orgasmo sem beijo? Thanks but no, thanks*. Cem Homens. Disponível em: <<http://www.cemhomens.com/2013/03/massagem-tantrica-orgasmo-sem-beijo-thanks-but-no-thanks/>>. Acesso em: 02/13/2013.

_____. (2013c), *Rasgue o roteiro*. Cem Homens. Disponível em: <<http://www.cemhomens.com/2013/09/rasgue-o-roteiro/>>. Acesso em: 02/13/2013.

FOUCAULT, Michel. (1998), *História da sexualidade (Vol. II: O uso dos prazeres)*. Rio de Janeiro, Graal.

_____. (1999), *História da sexualidade (Vol. I: A vontade de saber)*. Rio de Janeiro, Graal.

_____. (1985), *História da sexualidade (Vol. III: O cuidado de si)*. Rio de Janeiro, Graal.

_____. (2004), "Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade". *Verve – Revista do Nu-Sol*, 5: p. 260-277. São Paulo: Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica.

PRECIADO, Beatriz. (2002), *Manifiesto contra-sexual: prácticas subversivas de identidad sexual*. Madri, Opera Prima.

RUBIN, Gayle (1984) "Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality", in: H. Ablove, M. Barale & D. Halperin (orgs), *The Lesbian and Gay Studies Reader*. New York, Routledge.

WITTIG, Monique. (1992), *The Straight Mind and Other Essays*. Boston, Beacon Press.